

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER : UM OLHAR AOS AGRESSORES COM BASE NOS REGISTROS FEITOS JUNTO AO CENTRO MARIA MULHER DE CRUZ ALTA RS¹

CAVALHEIRO, Everton Angelo² ; NASCIMENTO FILHO, Manoel³; ALF, Ana Paula⁴;TAVARES, Carlos Eduardo Moreira⁵

Palavras-Chaves: Violência. Agressor. Gênero

Introdução (com Revisão de Literatura)

Ao longo da história da humanidade, a violência humana é acompanhada de intencionalidade, por ser, o Homem o único ser que pratica seus atos ou omissões com um objetivo pré-estabelecido, nesse sentido, a fim de evitar ou apasiguar os efeitos destes atos ou omissões, exige-se formulação de políticas específicas, organização e implantação de serviços especializados capazes de atuar no seu enfrentamento e prevenção da violência (MINAYO, 2006).

Com relação a violência contra a mulher a mesma é um fenômeno que atinge todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas, ocorrendo em populações de diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social. Compreende atos praticados contra ela em diversos cenários e envolve agressões físicas ou ameaças, maus tratos psicológicos, abusos ou assédios sexuais (SCHRAIBER *et al.*, 2005).

No Brasil, a violência contra a mulher pode ser tipificada como crime, e tem como finalidade em primeiro plano protegê-la, e em segundo plano punir os agressores de forma a reduzir os índices destes agravos. Logo com o objetivo de alertar as mulheres, a fim de que percebam que podem ser vítimas de seus companheiros e garantir os seus direitos na sociedade, é que em 7 de agosto de 2006 foi sancionada pelo Presidente da República a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha (PORTO, 2007), na referida lei, são definidos cinco tipos de violência: física, psicológica, sexual,

¹ Resumo referente ao projeto PIBIC: Da irracionalidade humana à prática de violência contra a mulher: um olhar à vinculação de mascaras aos agressores com base nos registros feitos junto ao centro Maria Mulher de Cruz Alta/RS

² Professor Universitário do Curso de Administração da UNICRUZ, Projeto PIBIC, Mestre em Administração-UFSM; e-mail: eacavalheiro@hotmail.com.

³ Professor Universitário do Curso de Administração da UNICRUZ, Mestre em Administração-UFRGS; e-mail: mfilho@unicruz.edu.br

⁴ Professora Universitária do Curso de Administração, Mestre em Administração-UFSM; e-mail: alima@unicruz.edu.br.

⁵ Coordenador do Curso de Administração-UNICRUZ, Mestre em Engenharia da Produção-UFSM, e-mail: etavares@unicruz.edu.br.

patrimonial e moral. Independentemente da Lei Maria da Penha, o Ministério da Saúde, já em 2003, iniciou a formulação do Plano de Ação que foi implantado em 2005, através da portaria 936, de 18 de maio de 2004, que dispõe sobre a estruturação de uma Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde, bem como implantação de Núcleos de Prevenção à Violência nos Estados e Municípios.

Como objetivo deste trabalho ficou definido o de realizar o levantamento do perfil e os motivos que levam homens a agredirem suas companheiras ou familiares de acordo com os dados que se encontram disponíveis no Centro de Referência Maria Mulher. Como objetivos específicos: 1. Identificar o perfil do agressor; 2. Se o agressor possui vícios.

Metodologia e/ou Material e Métodos

A metodologia a ser aplicada neste trabalho desenvolveu uma rotina básica na comparação dos conhecimentos bibliográficos. Sendo que será utilizado o método de pesquisa de caráter exploratório, quantitativo e estudo de caso, por tratar-se de um trabalho extenso e com vários critérios a serem analisados e avaliados. Como tipo de pesquisa transcorrerá com a combinação de mais de um método de pesquisa, sendo considerada uma pesquisa exploratória, em virtude de explorar um problema ou uma situação para prover critérios e compreensão, neles procura-se obter um primeiro contato com a situação a ser pesquisada. (SAMARA & BARROS, 2002 e MALHOTRA, 2001).

Também será uma pesquisa qualitativa, aquela que proporciona a compreensão fundamental da linguagem, das percepções e dos valores das pessoas (MALHOTRA, 2001). Como Estudo de caso, porque será limitada à realidade do Centro de Saúde Maria Mulher. Em relação aos estudos de caso, Lakatos e Marconi (2001) afirmam que mais recentemente, estes se tornaram a “grande vedete” de investigações. D’Onofrio (2000) discutem a importância das investigações, destacando, principalmente, o papel dos **estudos de caso** que adotam métodos combinados de investigação.

O trabalho também é descritivo, pois segundo Richardson (1999), é quando se deseja descrever as características de um fenômeno. Enquanto a pesquisa exploratória (ao qual este trabalho não se caracteriza), tem como objetivo conhecer as características de algum fenômeno para procurar, posteriormente, explicações das causas e suas conseqüências, enquanto a pesquisa descritiva procura descobrir as características de um fenômeno como tal. Quanto a coleta de dados, Yin (2001) aponta ainda, seis fontes de evidências para pesquisas em forma de estudo de caso: a documentação, os

registros em arquivos, a entrevista, a observação direta, a observação participante e os artefatos físicos. Em relação às entrevistas, o autor indica que a entrevista focada é uma fonte importante para a coleta de dados. Esses dados foram tabulados de acordo com o programa de pesquisa SPSS 18.

O estudo foi efetuado nos arquivos existentes no Centro de Referência Maria Mulher da cidade de Cruz Alta desde janeiro de 1997 até o final do ano de 2000. E, a população alvo foram todos os agressores registrados nos arquivos do Centro de Referência Maria Mulher de Cruz Alta, perfazendo um total 102 registros.

Resultados e Discussões

Os maiores percentuais referentes à idade situaram-se com 30,4%, entre 41 a 50 anos. Os dados levantados na pesquisa indicam que 68,6% dos entrevistados exercem algum tipo de atividade laboral. Quanto ao grau de escolaridade à maioria respondeu terem cursado o ensino fundamental com 54,9% das respostas. Quando questionados 70,6% dos agressores responderam usar droga ou álcool, e 29,4% disseram não usar álcool ou droga. Se perguntado qual tipo de droga utilizava, 50% afirmaram usar álcool. Quanto ao agressor estar envolvido em outros casos de violência 54,9% afirmou que sim, e 44,1% disseram que não.

Quando questionados se tinham histórico de violência, detalharam ser 11% brigas, 2% agressão física, 3% ex-companheiras, 6,9% questões domésticas, 2% brigas e posse de armas, 2% brigas em bar, 47% não respondeu e 30,1% outros tipos diversos. Outro questionamento é de que se a vítima fora convencida a comparecer no Centro de Referência, desse questionamento 86,3% disse que não e 13,7% responderam que sim. Quanto ao número de registros, com 01 registro 2,9% das repostas, 8,8% disseram não ter registro algum, 1% não registrada, 1% sem registro de data e com 3 registros 1%, sendo que 85,3% não terem respondido.

Conclusão

Estes dados são extremamente instigantes, frutos de investigações e atendimentos realizados no Centro de Referência Maria Mulher, mostram por que a masculinidade é um objeto plural. Esta descrição tende preencher uma lacuna nos estudos do gênero, que tem focado exclusivamente a experiência feminina, relegando para segundo plano as reflexões sobre as formas que a masculinidade assume em contexto distinto.

Criticar a masculinidade de forma homogênea perpassa o volume como um todo. Os dados permitem análises diversas, bem como apresentam trajetórias de vida. O perfil dos agressores compreende todas as camadas da população, bem como: faixas etárias, escolaridades e classes sociais. A grande maioria tem emprego, possuem ensino fundamental, não fazem nenhum tratamento para qualquer tipo de doença.

Um percentual extremamente relevante é o fato de que um percentual elevado dos agressores respondeu usar droga ou álcool, sendo que a metade deles afirmou usar álcool. As maiorias dos agressores já estiveram envolvidas em outros casos de violência.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.**

D'ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia do trabalho intelectual.** 2a.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MALHOTTA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada.** 3ª ed. .Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2001.

MINAYO, M.C. de S. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

PORTO, P.R.F. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: Lei 11.340/06, análise crítica e sistêmica.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SAMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de marketing: conceitos e metodologia.** 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

SCHRAIBER, L. B. et al. **Violência não dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Yin, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** São Paulo: Bookman, 2001.